

nheiros, habituados às longas aventuras e travessias – outro orgulho de Portugal –, não perdoaram aquela nobreza requintada e de costumes mais delicados. Foram três meses de sofrimento. A água era pouca e os piolhos, muitos. Limpeza e conforto, nenhum. As tempestades separaram a esquadra, e D. João aportou antes na Bahia, enquanto os cariocas, decepcionados, festejavam a chegada de navios que lançavam suas âncoras sem o príncipe regente, sem a nobreza do mais alto escalão e, sobretudo, sem a Rainha Louca, de quem já se contavam as mais pitorescas e picantes histórias. Só no dia 7 de março de 1808, quatro meses depois da partida de Lisboa, chegaram ao Rio de Janeiro os barcos do príncipe com a sua preciosa carga de livros e outras peças do seu acervo. No volume I dos *Anais* (1876-77), Ramiz Galvão faz uma descrição minuciosa dessa bagagem e acrescenta: “Não se sabe o que mais se deva admirar, si a excellencia das edições raras si a belleza dos exemplares preferidos pelo douto colleccionador, si enfim a boa ordem e perfeição das collecções facticias, prodigio de perseverança e de cuidado. Estão nella reunidas quasi todas as provincias do saber humano, representadas pelas obras mais dignas de nota e estima.” O acervo da Real Bibliotheca não veio por inteiro. Tinha sido dividido em três lotes. O primeiro chegou com D. João, o segundo chegaria mais tarde, em 1810, com o bibliotecário Luís Marrocos, de quem falaremos mais tarde, e o terceiro, talvez porque a situação em Portugal tenha melhorado, nunca foi despachado. Ambos devem ter ficado muito bem escondidos, em Lisboa, pois, como era a praxe de todas as guerras, as tropas de Napoleão não se furtaram à clássica pilhagem. Os livros, mapas, desenhos, medalhas e manuscritos escaparam da rapina, o que não aconteceu com outros bens culturais portugueses, como, por exemplo, o famoso herbário do cientista brasileiro Alexandre Rodrigues Ferreira, que até hoje está em Paris, no Laboratoire de Phanérogamie⁹.

Não se dispõe de inventário exato de quantos livros vieram de Portugal, nas duas remessas de que falamos. Sabe-se, porém, que, em 1814, a Bibliotheca Real do Rio de Janeiro já contava com mais de 60 mil livros, como testemunha o padre Luiz Gonçalves Santos, sendo, então, “a primeira, e a mais insigne, que existe no Novo Mundo”¹⁰.